

E hora de entrar em campo

21 JUN 1987

20 JUN 1987

Augusto Nunes

Treino é treino, jogo é jogo, dizia o mestre Didi, avisando que seus lançamentos de cinquenta metros e "folhas secas" impecáveis seriam reservados a estádios lotados por gente que pagara ingresso. Treino é treino, jogo é jogo, poderão sempre dizer constituintes que ainda não perderam o prumo e permanecem agarrados à esperança de que, tão logo comecem as votações no plenário — estas sim decisivas — as maluquices boladas por comissões e subcomissões habitadas por aloprados incorrigíveis serão atiradas ao lixo da história. Por enquanto, a Constituinte treina (e eventualmente brinca de Revolução Francesa, como já registrou o JORNAL DO BRASIL). Na hora do jogo, aí sim, terá chegado a hora de buscar-se a taça.

Oremos por isso, e oremos com o murmúrio desconfiado dos que têm os pés no chão. Há boas razões para tanto. O velho Didi, se quisesse, poderia fazer nos treinos o que faria nos jogos — decididamente, o homem sabia das coisas. Além de contar com a própria habilidade, ele também sabia que, dado o apito inicial, inevitavelmente teria a companhia de outros virtuosos chegados a uma hora da verdade. No caso da Constituinte, ao contrário do que ocorreu naqueles anos dourados do futebol brasileiro. Faltam craques. Até agora, praticamente todos os pais da pátria têm colecionado caneladas e chufes de bico. Nada indica que estarão em melhor forma quando o time tiver de entrar em campo para desenhar o futuro do país.

Não é só. Ao prometer bom desempenho em jogos para valer, Didi tentava explicar-se diante de milhões de torcedores que sempre se consideraram donos dos times do seu coração e, portanto, responsáveis por seus destinos. Os constituintes podem dispensar-se de tais cautelas. Os mesmos brasileiros, que vêem num chute forte um pecado mortal, num vice-campeonato a humilhação intolerável, no gol de Gighia a dor maior dos anos 90 — maior talvez que o suicídio de Getúlio Vargas — esses mesmos brasileiros contemplam os trabalhos da

Constituinte como se em Brasília se disputasse um jogo de beisebol, estranho e difícil de compreender. Não haverá, portanto, pressões reais — não pertencem a esse gênero, por não traduzirem o Brasil real; pressões de galerias infladas por minorias militantes. A Constituinte, assim, fará o que quiser.

Até agora, as paredes do Congresso têm ecoado rematadas cretinices formuladas com o desembaraço dos que confiam na própria impunidade. À direita, por exemplo, reivindica-se a virtual extinção da Petrobrás. À esquerda, clama-se pela eterna estabilidade no emprego, uma boa maneira de homenagear a preguiça e a incompetência. A bandeira da liberdade para os delirantes, por sinal, tem sido simultaneamente carregada por esquerdistas e direitistas (que, enquanto marcham lado a lado, vão trocando pontapés). Se uma banda berra por uma reforma agrária que franqueie a desapropriação de enormes extensões de terra (inclusive o município de Londrina), outra prega o congelamento perpétuo dos campos, na tentativa de remeter o país a um passado cuja morte foi decretada pelo próprio regime militar é dose.

Na Espanha, a maturidade das lideranças partidárias tornou possível a montagem de uma Constituição que, graças a concessões feitas de parte a parte, pode refletir a realidade nacional e permitir a um país repleto de feridas avançar na direção de um bom porto. No Brasil, o primitivismo das lideranças tem patrocinado um berreiro entre surdos, cujo pano de fundo aparece povoado de teimosias, espertezas, malandragens, propostas imbecis, sugestões incongruentes e incontáveis provas de aguda incompetência.

Não se brinca assim com a esperança. Embora milhões de brasileiros não saibam sequer o significado da palavra Constituinte (nem tenham dinheiro para dar a entrada na compra de um *Aurélio*), também eles vão desconfiando de que o que ali se debate tem a ver com suas vidas — e começam a vigiar a boca do túnel. Nos treinos, o desempenho dos constituintes foi melancolicamente bisonho. Vejamos se sabem jogar.

Augusto Nunes é diretor regional do JORNAL DO BRASIL em São Paulo